



## Velho moinho e velhos moleiros

(Clichés da acreditada Photographia Perez, do Porto, gentilmente offerecido para esta Illustração pelos seus actuaes proprietarios os ex.<sup>mos</sup> snrs. Diamantino & Freitas)

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Francisco de Souza Gomes Velloso.*

EDITOR

*Antonio José de Carvalho.*

ADMINISTRADOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

## Illustração Catholica

Revista litteraria semanal de  
informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . . .	2\$400
» » (6 mezes) . . .	1\$200
» » (3 mezes) . . .	600

À cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.

Estrangeiro (1 anno) . . . . .	3\$000
» (6 mezes) . . . . .	1\$500
Numero avulso . . . . .	60



# Frigideiras e Restaurante

---

Casa do Cantinho

---



Largo de S. João do Souto

---

**BRAGA**

---

Estabelecimento mais antigo

e acreditado n'este genero





# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

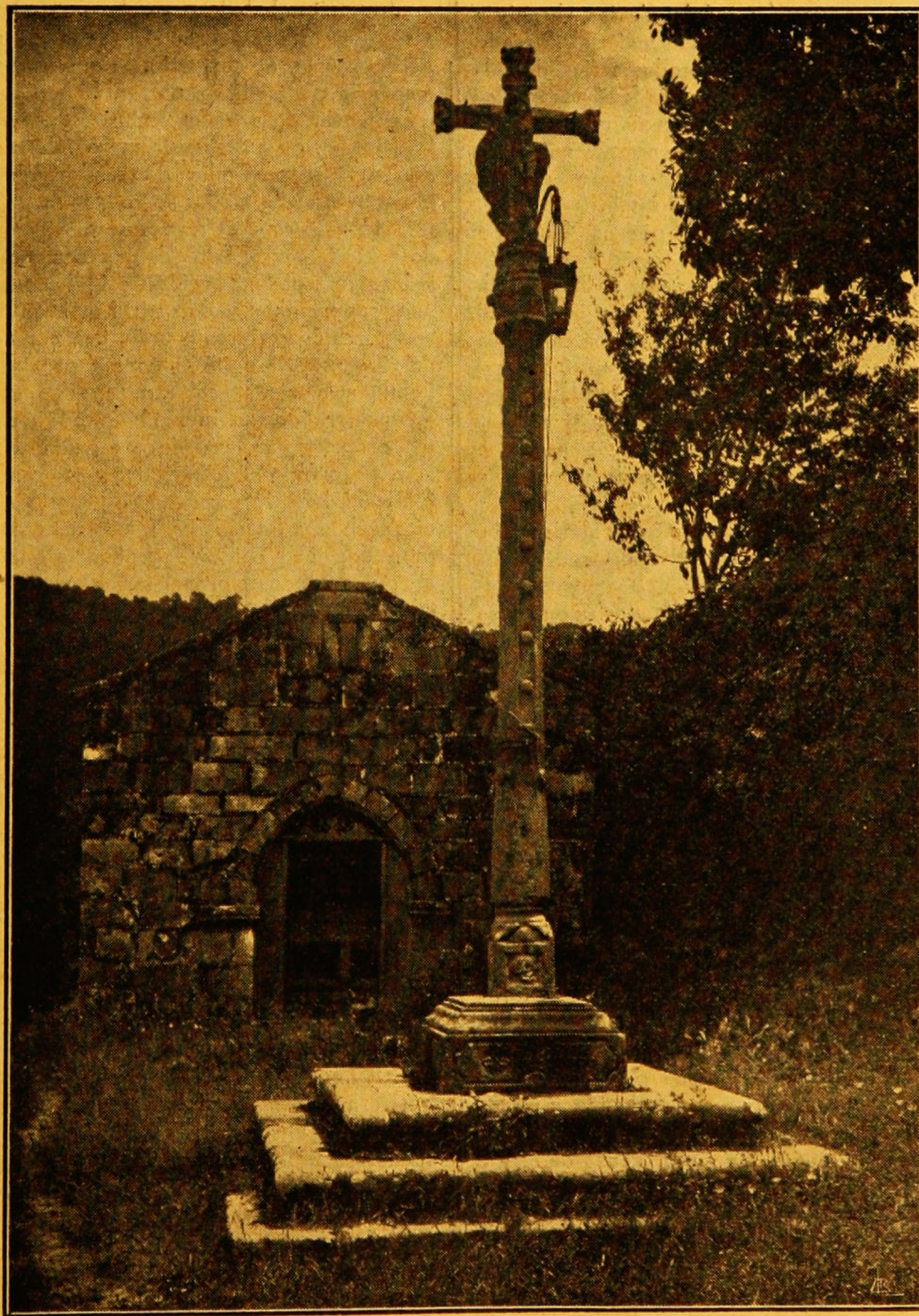
ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 31 de julho de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 109—Anno III



MELGAÇO — Cruzeiro da capella de S. Julião

(Cliché de A. Soucaux)



# Chronica da Semana



## NORTE CONTRA SUL

O leitor d'estas chronicas que soffra tambem da curiosidade de ler gazetas, já advinhará, pelo titulo, o assumpto culminante da resenha... Com effeito, trata-se da questão do Douro, é por ella que abrem as rapidas observações que aqui dou aos benevolos amigos da *Illustração*.

A questão do Douro, em si, é um complicadissimo problema economico que não vem ao caso nem á indole d'estas chronicas destringar sob esse aspecto material, fazendo desfilar em columnas cerradas series de calculos e de numeros, Ha outra face no problema, senão a mais util e a mais pratica, pelo menos a mais interessante, porque entalha a questão duriense n'uma das secções em que se subdivide a crise geral do paiz.

A questão do Douro põe em foco, em plena luz mais uma vez, a scisão regionalista portugueza. Fallar assim, não é dar nem a questão como insolúvel nem como impossivel a unidade do paiz. E' collocar, um em frente do outro, dois typos regionaes portuguezes, com características differentes, embra religados por visiveis traços de igual ou semelhante origem ethnica. É de facto, quem negará a existencia destacada, separada de um norte e de um sul portuguezes?

A vida communitaria e particularista que no norte se revela em mil pormenores, fez com que o sentimento regional se intensificasse e o cunho tradicionalista das populações perdurasse, mais do que em qualquer outra parte do paiz. Esta constatação verifica-se, por exemplo, em que, sendo, como observou Poincard, um facto geral no paiz a desorganisação da familia, esta encontra no norte uma cadeia muito mais forte de obstaculos do que no sul, onde a organização domestica se diluiu por assim dizer nas massas nómadas que em grande numero se deslocam durante o anno d'uma para outra zona de cultivo. E cito este facto, porque elle é da Beira Alta para cima, aquelle que mais fere

a attenta analyse de quem se dedique a estudar a terra em que nasceu, e porque é precisamente, a meu ver, n'esse radicado apego á tradição (apego que a falta de iniciativa soe invocar como desculpa) que se filia, no fundo, toda a lucta que a questão duriense resuscitou e periodicamente tem encruado. Assim se comprehende e esclarece a grande verdade enunciada ha pouco por um dos mais cultos vificultores do Douro, de que a causa de este é a causa de todo o norte; para mim, uma das provas do largo espirito d'estadista de Pombal é ainda a de que elle, medindo bem o alcance economico do problema, o soube ver, concentrando o esforço vificola na unica região propria quer sob o ponto de vista natural, quer sob o ponto de vista regional, quer dizer tradicionalista. Confiando á tradição a defeza da remodelação economica que o seu decreto d'ex-

pansão vificola portugueza oficialmente estabelecida, o Marquez descansava o espirito de preocupações para o futuro e cria na consolidação da sua obra.

Note-se agora a feição regional dominante no sul, comparemolo a esta do norte e ficará entendido todo problema.

O sul está na mão dos grandes proprietarios, pouquissimos em relação ás extensões que possuem — o que, de certo modo se explica pela natureza do solo e sua cultura quasi exclusiva, além da pobreza geral do povo. Já registamos que esta organização faz com que a familia se encontre muito abalada e os laços domesticos muito soltos, visto como a deslocação das grandes massas de *ganhões* não consente, ao contrario do que no norte acontece, a permanencia e a tradição no *lar*. Mas d'aqui mesmo se vê que a existencia de grandes cultivadores em pequeno numero, transforma, ou antes restringe o interesse regional ao limite do interesse particular d'esses grandes proprietarios, por isso que aquelle n'elles se concentra.

Considerando agora que a vida communitaria e local do norte (embora falha de grandes capitaes, como a assustadora corrente emigratoria está demonstrando todos os annos) supprime d'um modo geral as suas exigencias e necessidades, e que portanto o norte tem por assim dizer condições de vida propria e até autonoma provincial e regional que o habilitam a compensar a quasi nulla assistencia do Estado; e considerando por outro lado, que o sul, pequenos e grandes proprietarios, rendeiros e ganhões, as não podem possuir, porquanto se a iniciativa dos grandes cultivadores bastou e até bastará para que o progresso agricola se realice, os resultados financeiros e materiaes da cultura não chegam para alimentar com independencia relativa a massa enorme que, a soldo dos proprietarios, realisa essa cultura; conclue-se que os proprietarios do sul tem de valer-se muito mais da protecção do Estado que os do norte.

E que ainda concluir d'aqui? A explicação de um caso de psychologia politica verificado agora na questão do norte contra o sul, e que pode demominar-se typicamente o caso *José Relvas*. José Relvas é um grande proprietario do sul. Monarchico, elle abandona as tradições monarchicas de sua casa e filia-se republicano quando, sob a monarchia, o seu interesse de vificultor foi ferido com a justissima protecção á barra do Douro. Atraz d'elle está uma população inteira ao seu mando e ao seu alimento, sem independencia e sem iniciativa. A revolta de Relvas, como a de todos os grandes proprietarios, é apenas contra o Estado que não protège os seus interesses; não se revela n'uma reacção economica regional na cultura da vinha, porque o regionalismo do sul é de natureza cerealifera, porque não existe uma razão tradicional particularista no povo.

E hoje José Relvas põe de rovo a questão politica ao frustrar ministro apavorado que gére o fomento como encyclopedicamente poderá gerir qualquer outra pasta, quando apenas se trata de uma questão economica. No seu conceito de democracia não cabe a protecção ao Douro, mas a protecção do seu interesse de grande proprietario... Não podendo luctar contra o norte, contra a tradição regional do norte, o sul agarra-se ás abas da sobrecasaca do ministerio... e applaude os fuzilamentos de Lamego!

Eis o norte contra o sul — que mais parece o sul contra o norte...

F. V.



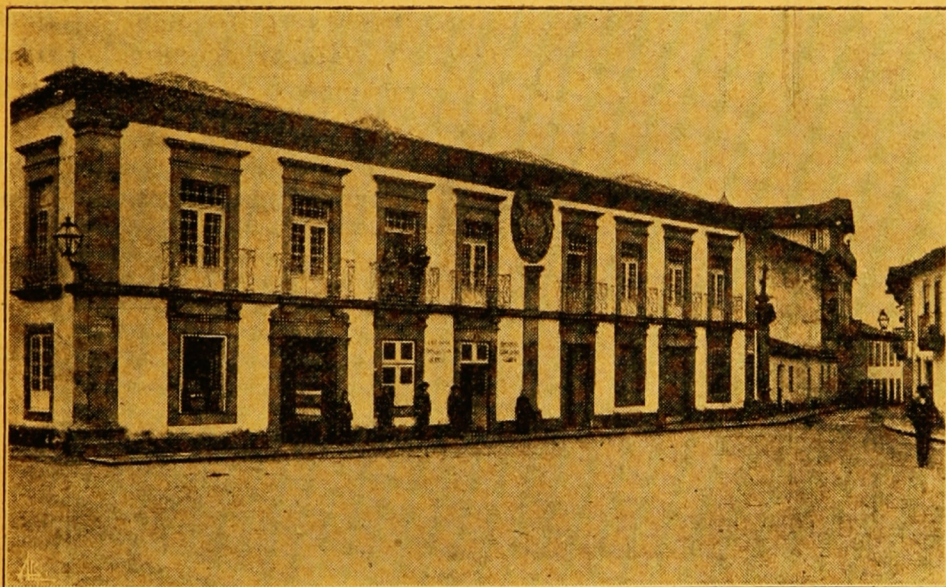
# VIDA INTENSA

## Larva politica

**L**EMBRA-ME, que uma tarde longinqua, que passei nos Jeronymos, na companhia amiga d'aquellas maravilhas, a recordar grandezas e glorias, a aturdir-me do passado para encontrar melhor sabor ao amargurado presente, encontrei n'uma nesga de parede, que o sol moribundo illuminava, estes pittorescos dizeres:

«Não é mau. . . F. de Oliveira. Sergude» . . .

Tenho averiguado da existencia, vida e obras, d'este egregio commentador, sem que uma restea de luz dissipe a bruma mysteriosa que o envolve. E confesso, Oliveira, você maravilhou me com o seu cursivo e com o seu arrojo, como me surprehende não esteja ainda em qualquer ministerio, dirigindo este desgraçado paiz. Com o seu arrojo vae-se longe e o Oliveira é um homem terrivelmente arrojado. Gostou, não gostou, — isso não vem ao caso — mas escreveu a sua opinião.

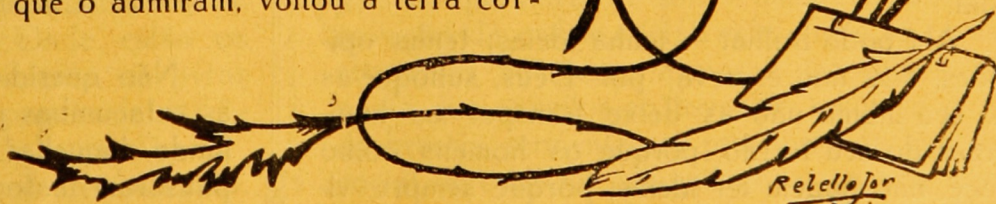


*Casa dos illustres Maldonados que fidalgamente receberam S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Arcebispo Primaz por occasião da sua visita a Cerveira*

N'esta epocha de hypocrisias, de dessoramentos é uma affirmacão de caracater ter uma opinião, mas francamente um Oliveira de Sergude não pode ter opiniões e o que é mais escreve-las.

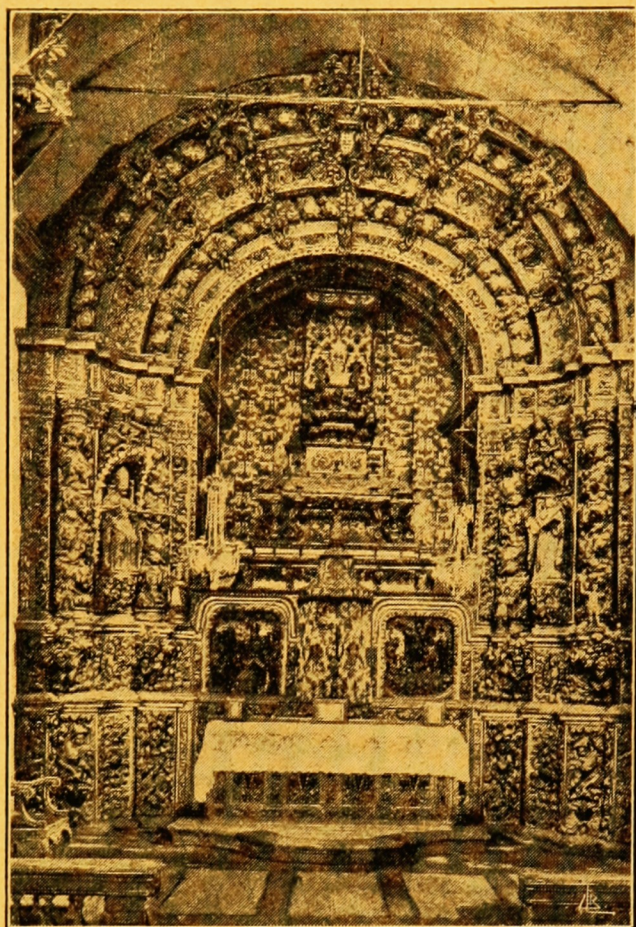
Muitas vezes acontece avistarem-se nas paredes verdades e porcarias; você escreveu simplesmente porcarias. Perante os Jeronymos, um Oliveira pensador tem simplesmente esta impressão: «Não é mau». . . Ora isto é ainda e depois de tudo muito pretencioso e um filho de Sergude, não pode ter pretensões.

V. comprometteu-se e comprometteu todos os Oliveiras; humilhou talvez a sua estirpe venerada e embora deixasse boquiabertos de pasmo os raros sergudenses, que o admiram, voltou á terra cor-





rido de gargalhadas. Aquellas pedras abertas em renda, que são um pouco da alma da patria, patria immovel, grandiosa, erguida n'uma benção, riram-se infinitamente de si. E veja que se um dia, d'arrojo em arrojo, o meu feroz Oliveira sobe a deputado, a ministro, a heroe—(eu sei lá onde V. chegará)—e fica solemnemente per-tencendo á historia, para onde é que a historia, o ha de mandar no momento em que deixar o numero dos vivos? Para os Jeronymos?



CERVEIRA—Altar-mór da egreja matriz onde S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Arcebispo Primaz celebrou missa no dia 6 de julho

Não. Que aquellas pedras receberiam-o então com as gargalhadas, com que o correram. Oliveira, Oliveira, que mau sestro o seu!

Eu creio que gostou, mas querendo mostrar a sua independencia viril, reagiu.

Você é um revoltado. Discordar dos homens é discordar da vida, affastar-se, sumir-se dentro das suas proprias illusões.

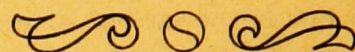
A oliveira é o symbolo da paz mas você é o symbolo da guerra. Sumiu-se mas deixou o rastro moral na columnata de pedra. Julgou immortalisar-se e ridicularisou-se. Imaginou-se admirado, e esquecido continuara no seu romantico Sergude, na pacatez dos serões da botica e das conversas doutoraes do mestre escola.

Ahi pode brilhar — tenha ideias, tenha opiniões, mas não escreva, por Deus, suffoque-as no seu intimo não as deixe transpor os humbraes do seu torrão, porque os homens como você, não podem ter ideias, porque sempre vi-

veram das ideias dos outros. E' assim mesmo que só por um inexplicavel esquecimento, o seu nome não foi apresentado ao suffragio, porque deve reconhecer-se-lhe disposição politica...

Entretanto como essa matrona desceu tão baixo, um conselho d'amigo: não torne a escrever pensamentos porque se reincidir, meu caro Oliveira, pode chegar talvez a chefe d'estado mas não escreverá pensamentos: sujará simplesmente paredes.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



## As catacumbas de Roma

I



VAMOS, neste terceiro anno da *Illustração Catholica*, acompanhar o leitor, com uma serie de breves artigos, ás catacumbas de Roma.

¿ Com que fim? Abrir um curso de arqueologia christã? ¿ Ostentar conhecimentos? ¿ Dar vasão ás reprêsas de estylo floreado?



Christãos nas Catacumbas

Não queridissimos leitores. Vamos descer ás catacumbas para retemperar a nossa fé no fundo daquellas galerias subterraneas onde repousaram tantos martyres. Vamos descer para



subir. Vamos pedir á região da morte energias para a vida.

Vamos obedecer ás palavras de um poeta-bispo, de Monsenhor Gerbet, apaixonado pelas catacumbas, e que cantava no tomo III do seu *Esquisse de Rome chrétienne*:

Descendez, descendez au fond des catacombes,  
Aux plus bas lieux,  
Descendez, le cœur monte, et du haut de ces tombes  
On voit les cieux!

Quão oportuna e necessaria esta descida, em espirito, ás necropoles da Roma christã, nesta perseguição que atravessamos!

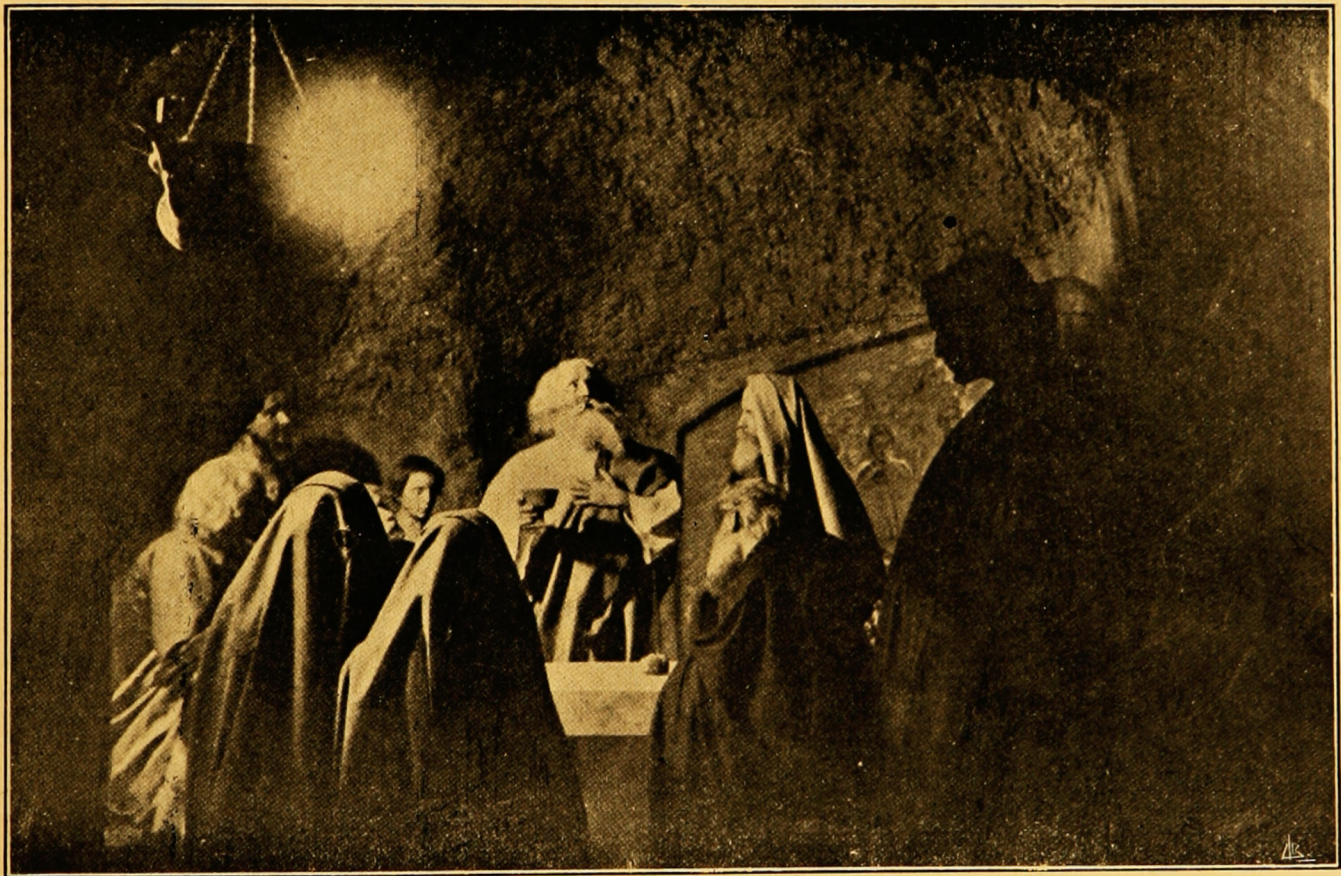
Perseguição! Pomposo em demasia é o nome para o que soffremos por Christo. ¿Que são os nossos incommodos, a privação do con-

que de terrores ahi vão, pelas agruras da hora presente!

Por qualquer insulto immerecido, por qualquer incommodo passado, por qualquer interesse material comprometido ¡quantos a quem parece dever-se-lhe a palma do martyrio!

E ainda se fosse só o ridiculo dessas presunções! Mas ¡quantas cobardias, quantas traições á causa santa de Jesus Christo!

¡Desçamos, desçamos a essa vastissima necropole de Roma, percorramos esses kilometros e kilometros de galerias, orladas de um e outro lado de varias ordens de cavidades sepulcraes! ¡Interroguemos aquellas pedras, aquellas pinturas, aquellas inscripções! Ellas nos dirão o que era, e quanto custava, ser christão naquelles primeiros seculos, quando era preciso regar com sangue a flux a arvore da liberdade religiosa.



NAS CATACUMBAS DE ROMA—A Missa

vívio de amigos, o carcere, acaso uma ferida, a vaia de um homem exaltado, ou de um mocinho rebaixado—que são essas pequeninas molestias comparadas á tragedia de cem e cem mil tragedias que os corredores das catacumbas recordam?

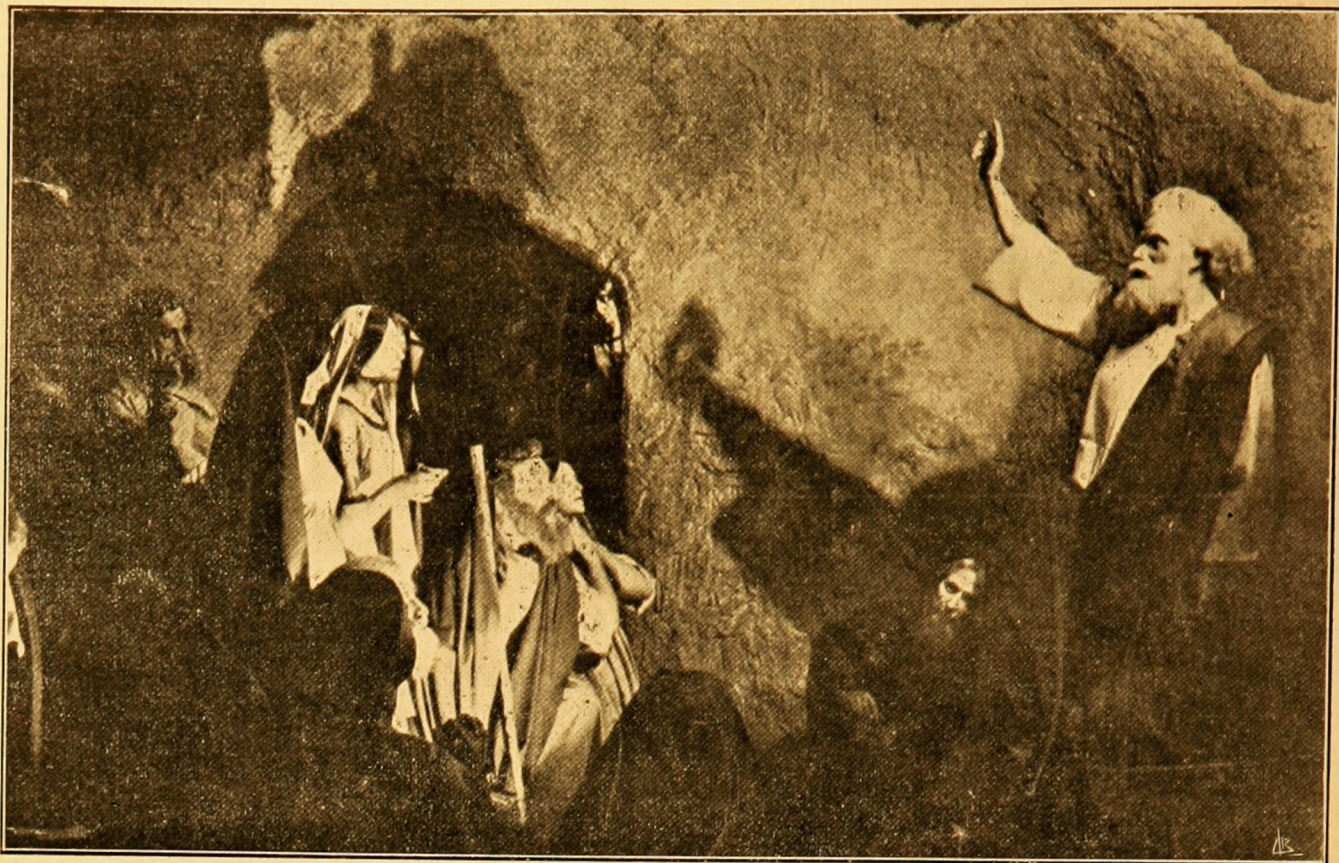
Nada. ¿Onde estão os nossos correligionarios amarrados a columnatas, untados e em chammas para gaudio de um perseguidor? ¿Onde estão as arenas onde nos mandem inscrever com o nosso sangue, nos dentes das feras, os artigos do nosso credo, a magna charta dos direitos da nossa consciencia? ¿Onde estão os ganchos, as caldeiras de pez ardente, as pyras fumegantes, onde devia cair a pogeia de incenso do renegado, ou o sangue do martyr?

É contudo: ¡que de ais, que de lamentos,

Nem temamos que do campo adverso nos venham recordar as victimas das guerras de religião, em que os successores dos martyres de ontem alguma vez se fizeram algozes. Porque a historia, feito o quinhão aos transviamentos dos homens da Igreja, que não são a Igreja, lá está para negar a legitimidade do confronto.

O martyr christão, morria por prégar uma doutrina pura no seio duma sociedade que tocara o fundo do abysmo da corrupção. O martyr christão, morria por estabelecer os principios de que havia de sair a mais estupenda renovação da ordem social, ante a qual se curvam reverentes os mais facciosos incredulos. Ao passo que envoltos no fermento religioso de cada heresia, fermentavam principios de anarquia social, que teriam aniquilado a propria civili-





*S. Pedro prégando nas catacumbas*

zação christã. Quanto á doutrina moral é que louco ha ahi que possa confrontar os systemas desses heresiarcas com a moral pura do Evangelho, pela qual se encheram de martyres os loculos das catacumbas?

Desçamos, desçamos, pois ás catacumbas, em espirito de peregrinação christã, que não de curiosidade scientifica, e saíremos de lá mais animados, mais fortes, mais dispostos ao cumprimento dos nossos deveres religiosos e sociaes, no mundo e no tempo em que á Providencia aprouve entregar-nos a successão do dever dos martyres; porque martyres quer dizer: *os que dão testemunho!*

Por mim o digo: nunca lá descí, ha quinze, doze e sete annos, que me não sentisse confirmado na milicia de Jesus Christo, pronto para dar testemunho d'Elle, em casa e na rua, entre amigos e inimigos, no gazophilacio do templo como na urna eleitoral.

ARTHUR BIVAR.



Quando nós estamos em grande afflicção pela morte de alguma pessoa que nos é cara, ou por algum outro grande motivo, não devemos procurar a consolação em nós mesmos, nem nos homens, mas em Deus.



*Um casamento nas catacumbas de Roma*

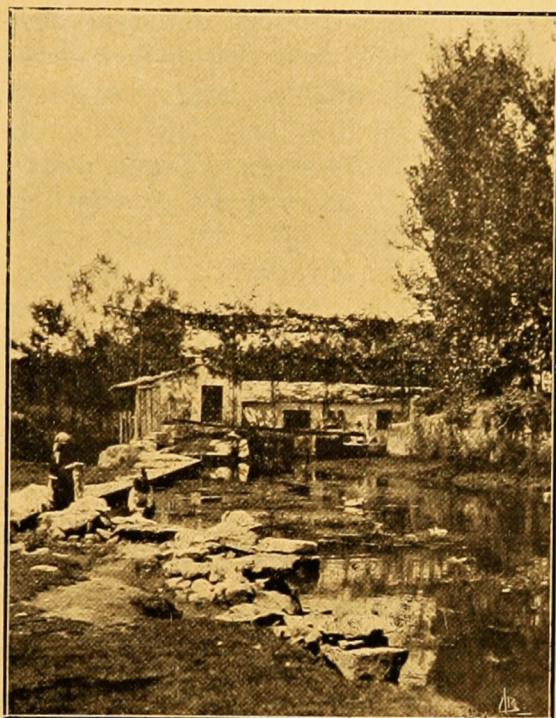




# Bellezas de Portugal



*Azenha  
do rio Êste*



*Os primeiros clarões d'uma alvorada*



*Sol  
entre nuvens*

(Clichés  
de Rebello Junior).



# Lições da historia

## A tomada da Bastilha

**A** festa do 14 de julho, decretada nacional, começa a passar de moda, e é interessante saber se a tomada da Bastilha foi ou não um glorioso acontecimento da historia franceza. Os instituidores da festa veem n'este episodio da Revolução um symbolo: a tomada da Bastilha é a reconquista da liberdade. Mas até como symbolo foi o acontecimento mal escolhido, porque a Bastilha só tinha oito presos, entre os quaes um

prodigo cheio de dividas e um doido. Os outros não offereciam tanto interesse.

Contemos, pois, a tomada da Bastilha e vejamos desfilar os heroes... bem pouco heroicos.

O famoso juramento do fogo da Palma, commentado por Mirabeau, acabava de abrir a revolução a 20 de junho. A corte muito inquieta, rodeara a cidade de tropas, e Mirabeau que ainda não recebia pensões do rei, censurou acremente os soldados «que uma invasão inimiga não encontraria pela frente», dizia elle. Por outro lado, o rei vendo que o seu ministro protestante Necker o levava ao abysmo, despedira-o. Era a 12 de julho. Um moço imberbe, Camillo Desmoulin, chega de Versalhes ao jardim do Parc-

Royal, campo habitual das reuniões populares, trepa acima d'uma mesa e exclama: — «Cidadãos, nem um momento a perder! Necker foi despedido; esta demissão, é o signal d'uma *Saint-Barthelemy* contra os patriotas; ás armas!»

Como distinctivo, Desmoulin põe no chapéu um ramo de arvore; todos lhe imitam o gesto. Faltava porém, a figura, a insignia do motim. Correm a casa de Curcio, trazem de lá dois bustos de cêra que representavam os idolos do povo: o duque d'Orleans e Necker; e o cortejo organisa-se. Caminha para as Tulherias. O principe de Lambesc, parente da rai-

na, sahe-lhe á praça Luiz XV (hoje da Concordia) com os seus dragões e entra com elles no jardim com o fito de fazer dispersar a multidão. Atiram-lhes com garrafas e cadeiras, procuram prendel-o cortando a ponte movediça que liga o jardim com a praça, mas o principe derruba um homem, fêre dois e foge.

No dia 12 de tarde o populocho que reclamava reformas economicas, lembra-se de S. Vicente de Paulo e da casa de caridade que tinha o seu nome. Corre para lá. Uma casa d'estas era uma mina de oiro... A porta do hospicio é quebrada ás machadadas, a bibliotheca dispersa, os quadros rasgados, o gabinete de physica estilhaçado; descem ás adegas e tanto se saciam que houve 30 mortos, afogados em vinho — mais victimas que na tomada da Bastilha. Para remate, a pilhagem dos celheiros.

Um édito real obrigava os religiosos de S. Vicente de Paulo a ter sempre armazenada uma certa porção de cereaes e farinhas para os pobres, pela qual eram responsaveis...

No dia 13 saqueiam-se os museus e as padarias; arrancam-se em plena rua os brincos das orelhas das cidadãs; vão aos Invalidos e encontram 28 mil espingardas. O povo está armado e vae começar a *grande jornada* do 14 de julho.

— A' Bastilha!

Este acto heroico da tomada da Bastilha, escolhido para epopeia da Revolução, tão ruidosamente celebrado á noventa annos, e cuja gloria um monumento em bronze recorda, é afinal uma das irrisões mais notaveis da historia. Documentos d'aquelle tempo narram que, logo que o povo se poz em marcha em direcção á velha fortaleza, todas as elegantes de Paris accudiram em seus carros á praça dos Vosges (então chamada praça Royal). As regateiras tambem não ficaram em casa.

Esta onda de curiosos era olhada do alto da fortaleza por 32 suissos e 82 invalidos que, com o sr. de Launay, commandante, e os officiaes, formavam os 120 homens da guarnição. Parecia, disseram mais tarde, que Paris intei-



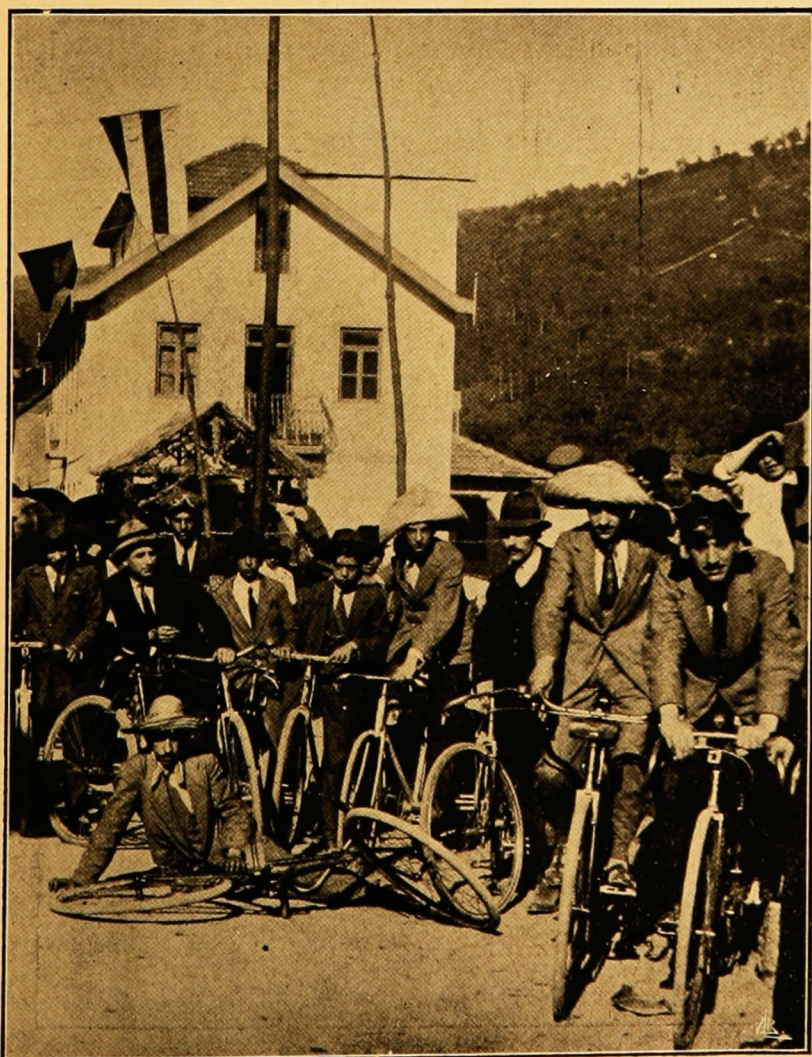
ro vinha contra elles, — e era verdade. Os amotinados, reunidos desde as 10 da manhã, dispararam contra as muralhas de 40 pés d'altura e 30 d'espessura, e este exercicio *heroico* parece divertil-os, tanto mais que ninguem responde ao tiroteio. O acaso trouxe um accidente que logo foi acclamado como uma victoria: um pobre invalido que estava de sentinella n'uma torre, ficou ferido.

Logo se apresentou uma deputação. O governador mandou descer a ponte levadiça e recebeu-a com tamanhas honras que até a convidou para almoçar. Os heroes acceitam. Fazem notar a de Lounay que os canhões da Bastilha ameaçam o povo; o governador manda retirá-los das canhoneiras. Censuram ainda a guarnição que está a ameaçar o povo; e o commandante faz jurar aos 114 suissos e invalidos perante a deputação do motim, que só dispararão sobre o povo quando forem atacados (como se o não estivessem sendo...). Os heroes visitam depois a fortaleza. Entretanto como o povo atacasse a primeira ponte, quando a deputação ia a sahir pela segunda, o governador preveniu-a de que ia mandar fazer fogo, visto que o ataque finha começado.

E esta prevenção scandalisou profundamente os delegados, que naturalmen-



*A comissão organisadora das festas*



## Uma festa em Caldellas



O Minho offerece, n'esta quadra, a milhares de portuguezes e estrangeiros o espectáculo das suas maravilhosas aguas thermaes. Entre ellas destacam-se as de Caldellas, uma das estancias mais bellas que conhecemos.

No dia 18 do corrente houve uma grandiosa festa nas referidas thermas.

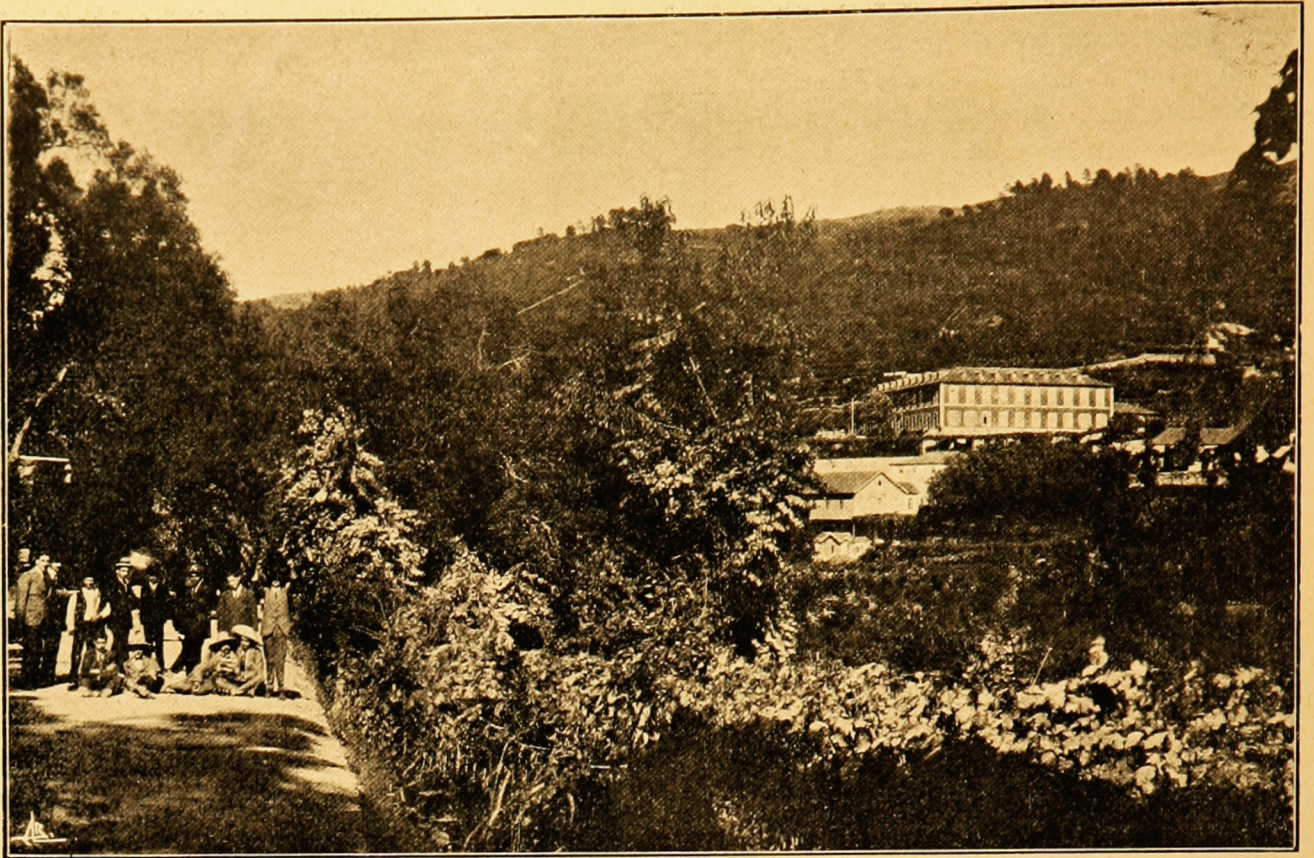
Os hospedes do Grande Hotel Villa Deolinda uma comissão promotora dos festejos, que constaram de arraial durante a tarde e parte da noite, terminando as mesmas festas com uma admiravel illuminação e fogo d'artificio.

O jantar d'esse dia, no referido Hotel e que assistiram varios cavalheiros incluindo a imprensa de Braga, constituiu uma nota agradável da mesma festa.

O snr. José Miguel d'Oliveira um cavalheiro dotado de primorosas qualidades e que, está agora á frente da direcção do Hotel Villa Deolinda, foi d'uma extrema amabilidade para todos os representantes da imprensa que naquelle dia ali passaram horas agradabilissimas.

*Um grupo de excursionistas de Braga*





CALDELLAS—Uma paisagem e Hotel da Bella Vista

te só achavam justo que o povo disparasse!... Cá fóra a massa dos heroes não se sentia com muita audacia. Não se conquista uma fortaleza com vociferações e gritaria.

A chegada das guardas francezas já em plena indisciplina desde o dia seguinte ao do fogo da Palma, a 23 de junho, e cujos desmandos não tinham sido castigados, consegue acender o ardor da populaça que lhes dava de

beber á farta, como paga do assalto á Ab-baye. Um cervejeiro, tambem heroe, propõe que se calcinem as pedras das muralhas com um oleo da sua invenção... Um mocinho, besunta-do de leituras, mostra um plano seu, para a construcção d'uma catapulta... Um outro propõe que se queime viva (a fraternidade a des-pontar!) uma rapariguinha que diziam filha do commandante, a ver se este se rende aos heroes.



CALDELLAS—Grande Hotel Villa Deolinda



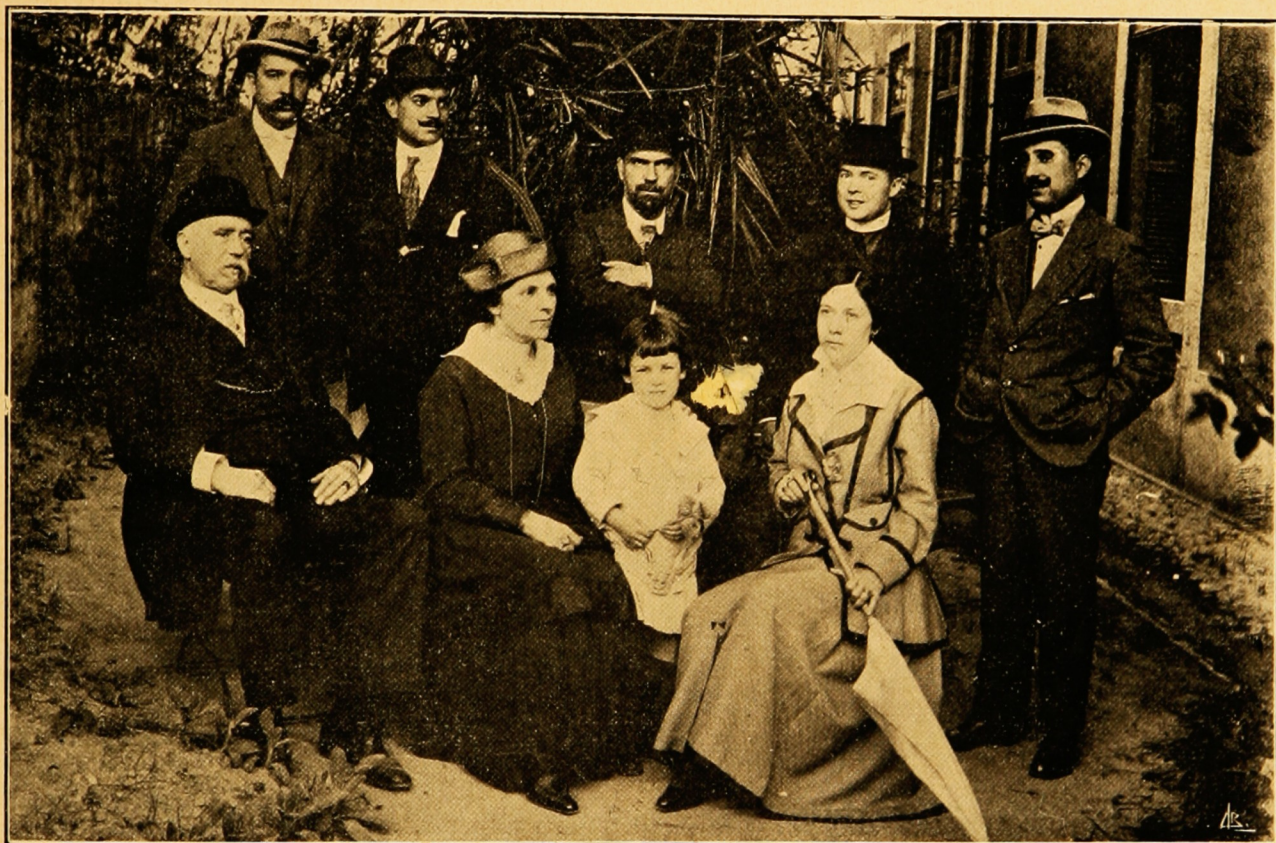
No entanto, como baixasse uma ponte levadiça e aproveitando a repugnancia da guarnição em atirar *sans péril sur des corps vivants*, as guardas francezas tentam incendial-a; e os pobres suissos que não comprehendiam o dever nem a necessidade de morrerem assados, satisfazendo a vontade do povo soberano, deram uma descarga cerrada. Um clamor! Todos gritaram: traição, e prudentemente, heroicamente recuavam, quando Hulin, um creado do marquez de Conflans, (1) nascido na Suissa, que se destacava da massa dos assaltantes appareceu com as guardas francezas. Tinham

detem-no; este seu gesto será pago pelo povo cortando-lhe as mãos. A officialidade resolve capitular com a condição de respeitarem as vidas da guarnição. Os atacantes assim o juram.

Mas apenas a ponte levadiça desceu, a multidão, ebria de sangue precipita-se para a fortaleza, as guardas francezas cahem sobre os capitulantes, matam cinco officiaes e muitos invalidos. Como se vê, os atacantes cumpriram o juramento e juntaram um novo quadro aos annos do horroismo!...

A confusão é enorme. É de Launay?

De Launay, ao sahir, recebe uma espadei-



CALDELLAS—Um grupo de hospedes e convidados

encontrado cinco canhões. Começa o ataque.

Todos perdem a cabeça. É este facto, muito commum em revoluções, explicar a absurda capitulação do governador. De Launay não querendo lutar com os cem homens que tinha, nem tão pouco entregar a fortaleza, pretende lançar fogo ao paiol e arrasar assim todo o bairro Saint-Antoine. Um official invalido

ra num hombro; na rua Saint-Antoine, esmurram-o e arrancam-lhe os cabellos; na arcada de S. João já está muito ferido. Ha gritos sinistros: «Corta-se-lhe o pescoço! Enforca-se! Ata-se ao rabo d'um cavallo! «De Launay faz um supremo esforço e brada desesperado já: — «Matem-me!» Debatendo-se dá um pontapé num dos homens que lhe batiam. Logo bayonetas o trespassam...

A scena não a quero descrever. Nem sequer reproduzir uns vivos periodos de Taine. As leitoras da *Illustração* não o soffreriam. Basta dizer que o homem que levou o pontapé, um padeiro vadio, convidado a cortar a cabeça da victima e não tendo podido servir-se de um sabre, o fez *a canivete!*

...É foi isto a gloriosa tomada da Bastilha,

(1) Este vencedor da Bastilha esteve para ser guilhotinado por Robespierre, foi ajudante de Bonaparte na Italia, presidiu ao conselho de guerra que condemnou á morte o duque d'Englien e foi governador de Paris, de Milão, de Vienna e de Berlim. Como sobe um lacaio! Morreu em Paris e conta-se que se zangava quando lhe fallavam da tomada da Bastilha ou da famosa scena da morte do duque nos fossos de Vincennes. Remorsos?



com que o povo soberano quiz evitar a *Saint-Barthelemy* dos patriotas, como dissera Desmoulins, o moço imberbe...

F. D'ALMEIRIM.



*Sebastião Luiz Faria Machado Pinto  
Roby de Miranda Pereira,*

natural de Braga, filho do snr. dr. José Borges Pacheco de Faria e da snr.<sup>a</sup> D. Maria Ignacia de Faria Roby, capitão de infantaria n.º 29, morto pelo gentio junto ao forte de Quifene, em Africa

## Fastos do Catholicismo

Congresso liturgico

Reuniu-se recentemente em Monserrat um congresso liturgico que certamente deixará permanentes signaes nos annaes religiosos da catholica Hespanha.

Começou a 5 de julho com a recepção do Nuncio e vespas solemnes havendo depois varios actos publicos interessantissimos.

Merecem especial menção os officios pontificaes, em que se cantaram preciosas Missas gregorianas, como o «Fons bonitatis» de severas harmonias.

A homilia archiepiscopal foi feita em latim bellissimo, pelo snr. Arcebispo de Tarragona, sendo a communhão numerosissima distribuida pelo mesmo prelado, e pelos reverendissimos Prelados de Urgel e Solsona.

Nas varias secções apreciaram-se importantes trabalhos, e foram muito brilhantes as sessões publicas.

# Francisco de Meirelles Pereira Leite Teixeira Coelho

Falleceu em Mollares, na casa do Campo, em 10 de julho de 1915, tendo nascido em 18 de novembro de 1844, o sr. Francisco de Meirelles Pereira Coelho, cavalheiro respeitabilissimo pelas suas peregrinas qualidades de caracter.

Christão pratico, deixou as mais vivas saudades entre os que o conheciam.

O sr. Francisco Meirelles era o representante d'uma das mais distinctas familias do Mi-



nho e aparentado com as mais nobres familias portuguezas.

Homem de acção, foi um dos maiores coooperadores da acção catholica; homem de familia, era o chefe de familia que legou aos seus o maior exemplo que a todos edificava.

A' illustre viuva do saudoso extinto e a seus extremosos filhos, enviamos cumprimentos de profundo pesar, rogando aos nossos queridos leitores que em suas orações orem pelo descanso eterno do mesmo extinto.

O funeral foi uma verdadeira homenagem e uma manifestação publica prestada á memoria do saudoso morto.

(Dos Echos do Minho)



## Palavras de Jesus

FALLOU assim Jesus, n'um dia memorando,  
Ao povo que o seguia em numeroso bando,  
Ancioso de escuta-lo :

--Bemaventurados

Vós, os que sois pobres ; hão-de ser-vos dados  
Todos os bens do reino de meu Pae. Ditosos  
Os que têm fome e sede, os tristes, os chorosos ;  
Saciados serão uns e outros consolados  
N'uma alegria eterna. Bemaventurados  
Os que por meu amor se virem maltratados,  
Coberfos de vilipendio, injurias e tormentos.  
Folgae, amigos, quando cheguem fœes momentos !  
Que o vosso galardão, no dia da Justiça,  
Egual, nem Cesar tem nem sonha nem cubiça !  
Tambem de tal maneira foram os prophetas  
Tratados pelos seus, com chufas indiscretas.  
Mas ai dos opulentos ! Ai do que se farte  
Dos gosos mundanaes ! Lá tem a sua parte.  
Ai d'aquelles a quem a abundancia enfastia,  
Porque elles chorarão e terão fome um dia !  
Ai d'aquelles a quem os impios derem gloria,  
Como aos prophetas falsos de infeliz memoria !  
E vós que escutaeis, ouvi o que vos digo :  
Tratae quem vos odeie como vosso amigo ;  
Se alguém vos maldisser, louvae-o sem maldade  
E orae por quem manchar a vossa probidade ;  
Quando alguém vos ferir vossa face direita,  
Offerecei-lhe a esquerda em mansidão perfeita ;  
Se alguém vos tira a capa, vos insulta e pisa ;  
Deixareis que vos fire tambem a camisa.  
Nunca negueis esmola a quem a pede. E quando  
Vos tirem o que é vosso, não andeis clamando  
Pela restituição. E o bem que desejaes  
Que vos façam a vós, fazei-o vós aos mais.  
Merecereis acaso alguma recompensa  
Amando a quem vos ama e não vos faz offensa ?  
Um peccador tambem procede d'essa forma.  
Que mereceis trilhando a peccadora norma,  
Pagando bem com bem, pagando mal com mal,  
E emprestando a quem vos pagará egual ?  
Amae os inimigos, sede generosos  
Com todos. Empréstae aos justos e aos maldosos  
Sem esperar proveito algum. E que avultada  
Recompensa no céu vos está preparada !  
Sereis filhos de Deus, que trata com piedade  
Aos ingratos que vão seguindo a iniquidade.

1-6-915.

JOÃO AVELINO.



# Notas do Estrangeiro



Sua Majestade a Rainha de Hespanha, rodeada de seus augustos filhos, o principe das Asturias, as infantas Beatriz e Maria Christina e o infante D. João, nos jardins do Real Sitio de Santo Ildefonso

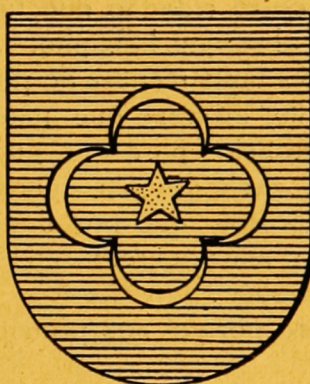


# ARMARIA PORTUGUEZA

Armas de cada appellido que entram na composição dos brazões das casas nobres de Portugal



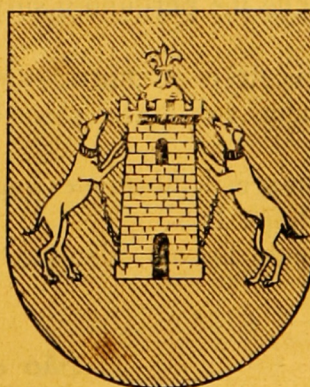
**Cardozo.**—Em campo vermelho dois cardos floridos, com raizes e flores de prata, entre dois leões d'ouro batalhantes, armados de vermelho. Timbre: uma cabeça de leão d'ouro, saindo-lhe da bôca um cardo florido.



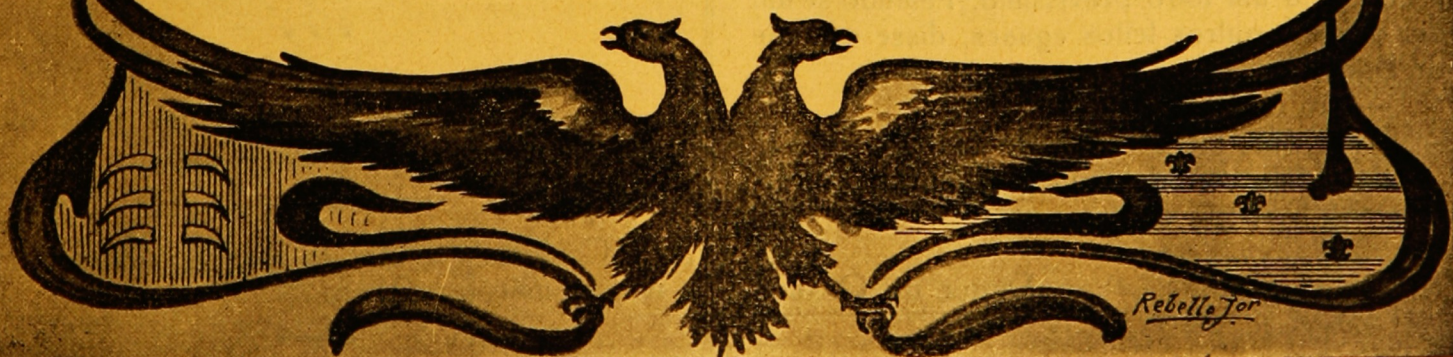
**Carvalho.**—Em campo azul uma estrella d'ouro entre uma quadrena de crescentes de prata. Timbre: um cysne de prata com uma estrella d'ouro no peito, armado d'ouro.



**Castello Branco.**—Em campo azul um leão d'ouro rompente, armado de vermelho. Timbre: o mesmo leão.



**Castilhos.**—Em verde um castello de prata entre dois lebreus do mesmo metal, presos com cadeia d'ouro e de colleiras vermelhas; na torre ao meio, uma flor de liz d'ouro. Timbre: um lebreu com colleira.





# Anecdotas historicas

## Ditos e pensamentos

### Leão X e o mentiroso

**P**ASSANDO o papa Leão X pelo territorio de Florença perguntou a um cidadão que d'elle se aproximára, de quem eram os varios edificios que ia vendo. O cidadão respondia pontualmente dando varios donos e até explicações superfluas, do que muito pasmou outro cidadão que tudo estava ouvindo e lhe observou baixinho:

—Para que dizes tanta mentira ao pontifice?

—Querias que lhe dissesse que não sabia de quem eram os edificios para que outro lho dissesse e eu fosse excluído por ignorante?! Ninguém deve ser tão tolo que por duas mentiras perca o favor d'um poderoso.

—E se elle o souber?

—Não estranhará porque aos principes ninguém falla verdade.

### Mercante esperto

Um negociante portuguez levou a Filipe II, rei de Hespanha, um diamante de tão elevado preço que o monarcha lhe perguntou surpreendido:

—Como te atreveste a comprar uma joia de tanto valor e quem vos dará essa quantia por ella?!

—Quando a comprei lembrei-me que reinava em Hespanha Filipe II.

O rei, agradado da lisonja, deu-lhe quanto elle pediu.

### São acertos

D. João de Sousa foi um cavalleiro destemido, mormente á gineta. Em Castella, correndo-se uns toiros reaes, levou de uma cutilada a cabeça a um toiro bravissimo. Falando-se um dia d'este e outros feitos eguaes, disse o conde de Borba:

—São acertos.

Respondeu-lhe o rei D. João II:

—Serão acertos, conde, mas nunca os acerta senão D. João de Souza.

### Duque de Ossuna

O duque de Ossuna, sendo vice-rei de Nápoles, visitou um dia as galés para usar da pre-

rogativa de libertar alguns dos criminosos. Indagou dos seus crimes, mas a todos ouviu dizer que estavam inocentes, que o odio, a vingança, a injustiça os trazia alli de grilheta ao pé. Só um confessou o delicto que praticára, achando justa a prisão e merecida a galé. Ouviu-o o duque attentamente, e voltando-se com severidade, ordenou:

—Soltem já este homem, que não quero que perverta tanta gente boa.

### Monk

O general Monk, que deu o throno de Inglaterra a Carlos II, era já velho quando os holandezes subiram em som de guerra as aguas do Tamisa. Na retirada dos holandezes as balas silvavam aos ouvidos do general, e os ajudantes de campo aconselharam-lhe que se retirasse.

—Se eu tivesse medo das balas, disse Monk, ha muito tempo que teria abandonado esta profissão.

### Hospitalidade generosa

Descoberta a conspiração contra Carlos II por delação de *lord Howard* que se vendeu á côrte, *lord Shaftesburs* refugiou-se na Hollanda, esquecendo que quando chanceller de Inglaterra lhe movera guerra e repelira mais de uma vez:

E' preciso destruir Carthago!

A' sua chegada a Amsterdam mandou pedir uma licença de residencia ao burgomestre, que lhe respondeu:

—Carthago, ainda não destruída, recebe de bom grado o conde de Shaftesburs dentro dos seus muros.

\*\*\*

As cousas ausentes são as que mais atormentam e inquietam—*Julio Cesar*.

Costumam acusar os que são tidos em menor estimação—*Cicero*.

Causas pouco agradaveis ao gosto hão de propor-se com grande cautela.—*Demosthenes*.